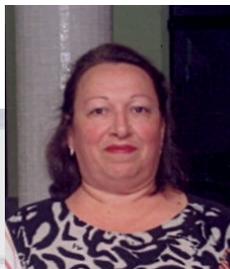


SBN - Série Depoimentos

Renata C. Vilardi Tenente



1) Como se deu o seu primeiro contato com a Nematologia de Plantas e o que a levou a fazer carreira, como pesquisadora, dentro dessa especialidade?

Ao final da década de 1960, defini-me pela profissão de engenheira-agrônoma após assistir a uma palestra de estudantes da ESALQ/USP/Piracicaba, matriculados no último ano desse curso. Passei no vestibular em 1969 e estudei na Universidade de Brasília (UnB), na Capital Federal. Fui a primeira mulher a se graduar em Engenharia Agrônoma na Instituição.

Não encontrei qualquer dificuldade em cursar todas as matérias oferecidas pelo curso de Agronomia, tendo ainda a oportunidade de estagiar junto a Fundação Zoobotânica do DF sob a orientação do Prof. Jean Kleber de Abreu Mattos. Foi nesta ocasião que tive contato pela primeira vez com a especialidade de Nematologia, no desenvolvimento de projeto sobre “Levantamento de doenças ocorrentes em tomateiro nos Núcleos Rurais do DF”. Partindo daí, só cresceu o meu interesse pelos nematoides parasitas de plantas.

Já formada, ingressei profissionalmente na Fundação Zoobotânica em 1972 e, após quase dois anos, com a criação da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), fui selecionada entre os pesquisadores absorvidos da Fundação para passar a atuar na nova empresa. Iniciei atividades no Centro de Hortaliças (então chamado UEPAE-Brasília) elaborando projeto de pesquisa que envolvia nematoides em colaboração com o Prof. Chaw S. Huang, que começava a atuar como docente em Nematologia na Universidade de Brasília. Frequentei as suas aulas e cursos para aprimorar os meus conhecimentos e, dali em diante, fixei-me como pesquisadora voltada aos estudos fitonematológicos.

2) O colega Juvenil Cares já teve oportunidade de falar sobre a convivência dele com o Prof. Chaw S. Huang. Lembro-me bem de você ajudando-o em uma aula prática no ano de 1975, quando os visitei em Brasília para examinar o laminário de fitonematoides do Departamento de Fitopatologia da UnB. Qual é a sua lembrança do Dr. Huang?

Já comentei antes como se deu a minha aproximação inicial em relação ao Dr. Huang, que foi definitiva para que permanecesse na Nematologia. Afora tudo o mais que consegui depois com a ajuda dele, gostaria de lembrar apenas um episódio singular.

Ao final da década de 1970, fui fazer o curso de Mestrado em Fitopatologia, com especialização em Nematologia, na USP/ESALQ/Piracicaba, sob a orientação do Prof. Luiz G. E. Lordello. Quando

retornei à Embrapa, não fui aceita na unidade em que trabalhava anteriormente (UEPAE-Brasília), pois, na época, um pesquisador extremamente preconceituoso ocupava o cargo de chefe-geral e disse claramente que não queria mulheres naquele Centro de Pesquisa, exceto as que ocupassem o cargo de secretária. Não desisti e recorri aos dirigentes superiores da empresa, que me encaminharam para a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), onde dei início ao serviço de quarentena de nematoides. Nessa ocasião, não havia lá laboratório disponível e os primeiros trabalhos deste setor só foram possíveis, uma vez mais, com o auxílio do Prof. Huang na UnB.

3) Durante anos você se dedicou ao Setor de Quarentena Vegetal dentro da Embrapa, fazendo várias viagens ao Exterior. Se houve, qual foi o país que mais a impressionou do ponto de vista de cuidados quarentenários com fitonematoides?

Não acredito que houve. Entendo que todos os órgãos, instituições e serviços quarentenários que visitei ou nos quais permaneci realizando cursos de doutorado ou pós-doutorado tive a oportunidade de conhecer novas metodologias e acumular conhecimentos muito úteis visando à posterior aplicação aqui no Brasil. Posso listar minhas experiências vividas no CIP, em Lima/ Peru (1982), no Imperial College, em Londres/ Inglaterra (1986-1991), Malásia (1991), Rothamsted Research Station/ Inglaterra (1995-1996) e Universidade de Coimbra/ Portugal (2000), entre outras, como muito positivas no sentido de me oferecer ideias e inspirar ações práticas que procurei incorporar ao Serviço de Quarentena Vegetal aqui no Cenargen.

4) Atualmente, é perceptível a preocupação crescente dos produtores rurais frente aos problemas causados por nematoides e um interesse maior da mídia em abordar tais temas. A seu ver, quais as possibilidades de os jovens nematologistas se engajarem no mercado profissional dentro de tal contexto?

Os jovens nematologistas possuem hoje maiores oportunidades do que tínhamos há 30 anos, como estágios departamentais, bolsas de iniciação científica com recursos para participação em congressos ainda como alunos, aulas de Nematologia por vezes dentro de disciplina específica, sociedades científicas ligadas à especialidade, legislações - nacional e internacional - restritivas à produção de mudas e/ou ao comércio de material vegetal sob suspeita de contaminação por nematoides. Tudo isso evidencia a importância dos nematoides e oferece maior segurança ao nematologista para atuar profissionalmente, diferentemente do que, de certa forma, ocorria no passado.

Ainda, há bem mais publicações em português para aqueles que sentem dificuldades de ler em outro idioma, bem como revistas de difusão técnica que publicam regularmente matérias sobre problemas nematológicos; até algumas revistas estrangeiras de renome estão hoje acessíveis gratuitamente via Internet, agilizando consultas e esclarecimentos de dúvidas sobre o conteúdo dos trabalhos. Laboratórios de análises nematológicas aumentam em número a cada ano espalhando-se pelo País, acompanhando a expansão das nossas fronteiras agrícolas.

É claro que há dificuldades ainda, e não são poucas, mas cresceu bem a valorização do profissional que tem certo conhecimento nematológico.

5) Ao lado da atuação na parte estritamente quarentenária, você buscou prestar serviços aos seus colegas, nematologistas brasileiros, através de publicações impressas, na forma de coletâneas de dados, ou de outros mecanismos, inclusive digitais, como a disponibilização de bancos de dados nematológicos na Internet. Fale um pouco sobre isso.

Realmente, como disse antes, havia evidente carência de material para consulta a aqueles que ingressavam na Nematologia de Plantas até algumas décadas atrás. Por ter sentido tais dificuldades pessoalmente, com a colaboração de outros colegas tentei organizar e editar inicialmente livros que resumissem boa parte das informações disponíveis sobre nematoides no Brasil. Foi assim, por exemplo, com a “Bibliografia Brasileira de Nematoides” na década de 1980 e o “Catálogo de Nematoides Fitoparasitos encontrados associados a diferentes Tipos de Plantas no Brasil” na década de 1990.

A **vinculação da** Nematologia com a Informática iniciou-se em 2001, por meio de um programa de cooperação com a Universidade Católica de Brasília, e gerou um banco de dados sobre nematoides já assinalados no Brasil (http://pragawall.cenargen.embrapa.br/aiqweb/nemhtml/nembanco01_p.asp), o que causou um impacto muito positivo junto aos trabalhos desenvolvidos na área de Proteção Vegetal. Os dados estão disponíveis no site do Cenargen, sendo um dos mais acessados deste Centro. De abril de 2005 até 2008, aproximadamente 8 mil internautas fizeram cerca de 14 mil consultas a esse serviço.

Estando aposentada há alguns anos, orgulho-me de ter dado tal colaboração aos meus colegas, assim como na organização de eventos nematológicos nacionais e internacionais realizados no Brasil, além de minha participação na SBN, que presidi durante duas gestões.

(primeiro depoimento do ciclo “Centros de Pesquisa”,
prestado durante novembro de 2011)